

O Discurso Sobre A Sustentabilidade: Narrativas Em Uma Organização Da Cidade De Londrina-PR

The Discourse About Sustainability: Narratives In An Organization From Londrina-PR

Rodrigo Maia Marinello

Graduando em Administração da Universidade Estadual de Londrina

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

rodrigomaia_marinello@outlook.com

Jacques Haruo Fukushigue Jan-Chiba

Discente de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Administração pela Universidade Estadual de Londrina

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

jacques_haruo@hotmail.com

Rafael Borim-de-Souza

Professor Adjunto A no Departamento de Administração da Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

borim@uel.br

Recebido: 28/09/2018 – Aprovado: 15/02/2019. Publicado em 22/05/2019

Processo de Avaliação: Double Blind Review

RESUMO

As organizações enfrentam novas demandas que surgem a partir das movimentações sociais que fomentam novas questões, como a sustentabilidade. Ao entender isso, as organizações constroem discursos para vender uma imagem que condiz com as novas demandas sociais. Considera-se o discurso enquanto um conceito proveniente da sociologia bourdieusiana, como uma ferramenta de dominação por meio da qual os agentes buscam alcançar seus interesses. Pretendeu-se aqui analisar como uma organização se utiliza do discurso para se posicionar e dominar o meio pelo qual o entendimento de sustentabilidade que atende aos seus interesses é disseminado e imposto aos agentes sob sua influência. Utilizando-se da análise crítica do discurso, realizou-se uma pesquisa documental sobre o relatório de sustentabilidade mais recente emitido pela empresa e entrevistas com roteiro semi-estruturado com funcionários da própria empresa. Identificou-se um processo de dominação formal e simbólico o qual os indivíduos reproduzem fielmente os valores e conhecimentos disseminados pela cúpula nacional da organização que, por sua vez, reproduzem os discursos presentes no *mainstream* dos estudos que abordam o conceito de sustentabilidade.

Palavras-chave: Linguagem. Discurso. Sustentabilidade. Organizações.

ABSTRACT

Organizations face new demands arising from social movements that foster new issues, such as sustainability. By understanding this, organizations build discourses to sell an image that matches the new social demands. Discourse, as a concept derived from Bourdieusian sociology, is considered as a tool of domination through which agents seek to achieve their interests. The aim was to analyze how an organization uses discourse to position itself and dominate the medium by which the understanding of sustainability that serves its interests is disseminated and imposed on the agents under its influence. Using the critical discourse analysis, a documentary research was done on the most recent sustainability report published by the company and semi structured interviews were realized with employees of the organization itself. A process of formal and symbolic domination has been identified which individuals faithfully reproduce the values and knowledge disseminated by the company's national leadership, which in turn reproduce the discourses present in the mainstream of studies that approach the concept of sustainability.

Keywords: Language. Speech. Sustainability. Organizations.

1 INTRODUÇÃO

A internacionalização de empresas, pelas práticas administrativas que engloba, é causa e consequência de sequelas que colocam as organizações, em alguns momentos por seu protagonismo e em outros pelo seu associativismo, em contato com debates sobre a sustentabilidade (HUSTED, 2005; VACHON, 2010). O *mainstream* sociocultural globalizado demarca a compreensão da sustentabilidade a partir de questões econômicas, sociais e ambientais. Defende-se, por uma inspiração extraída das discussões realizadas por O'Connor (2000), um rompimento com esta visão dominante ao assumir a sustentabilidade como uma

questão ideológica e política, ideológica pelo seu caráter manipulador construída por trás de um discurso alicerçado na realidade e racionalmente organizado que manipula impressões causadas por tal discurso, política por conta de práticas públicas e privadas que se utilizam do termo “sustentabilidade” para realizar ou justificar ações.

Esta interpretação admite a existência de esforços políticos, corporativos, governamentais e sociais que se reúnem em uma disputa incumbida de eleger a definição soberana de sustentabilidade para o capitalismo, bem como de orientar como as diferentes relações entre capitalismo e sustentabilidade devem ser abordadas, divulgadas e definidas. Para este jogo semântico, político e ideológico contribuem as organizações por diversas práticas de internacionalização de empresas, as quais buscam vencer esta disputa para determinar como suas relações com a sustentabilidade podem ser administradas, pesquisadas e veiculadas (DALY, 2005; FRIEDEN, 2006; MEADOWS; RANDERS; MEADOWS, 2004; O’CONNOR, 2000; SCHWEICKART, 2010).

A sustentabilidade é assumida, para esta pesquisa, como um tema complexo para as organizações, porque representa, enfrenta e negocia interesses diretamente vinculados aos tipos de capitais que reproduzem o poder dominante dessas organizações. As discussões sobre a sustentabilidade, a partir das divergências estabelecidas entre os agentes que debatem este tema, ocorrem pela emissão de diversos discursos interessados em legitimar seus respectivos posicionamentos a respeito deste tema. Os discursos, para Bourdieu e Passeron (1992), são ferramentas simbólicas de dominação responsáveis por garantir a prioridade dos interesses dominantes a partir de estratégias de dominação específicas.

O problema de pesquisa que retrata este interesse de investigação é o seguinte: **como a sustentabilidade se manifesta junto aos discursos em uma organização na cidade de Londrina-PR?** A resposta foi construída a partir da análise crítica das narrativas de agentes inseridos em um contexto de gestão de uma organização que declara publicamente um compromisso com a sustentabilidade.

Com tal problema de pesquisa, apresenta-se o objetivo do presente artigo de analisar os discursos sobre a sustentabilidade emitidos por funcionários de uma organização. Para atingir o objetivo, abordou-se no referencial teórico discussões sobre os conceitos de linguagem, de discurso e de sustentabilidade, conforme os tópicos a seguir. Posteriormente,

apresenta-se então os procedimentos metodológicos, os funcionários entrevistados, o relatório de sustentabilidade da empresa, a análise das entrevistas e as considerações finais.

2 LINGUAGEM

A linguagem é uma ferramenta capaz de objetivar as subjetividades individuais e disponibilizar esse conhecimento objetivado e socialmente construído que pode ser interiorizado por qualquer indivíduo que não participou do seu processo de criação. Benveniste (1989) e Bourdieu e Passeron (1992) defendem que as simples estruturas gramaticais não são suficientes para produzir sentido e significados objetivados e inteligíveis aos indivíduos. As relações cotidianas também devem ser analisadas para entender tanto o que se diz nas teorias linguísticas quanto o que se é verificado na prática das estruturas linguísticas cotidianas. Logo, o processo de significação e atribuição de significados às coisas também é parte integrante do que se conhece por linguagem (BENVENISTE, 1989; BOURDIEU; PASSERON, 1992).

Berger e Luckmann (2003) entendem a linguagem como um sistema de sinais vocais, que foram codificados a partir da objetivação das subjetividades humanas. Ao admitir que os significados objetivados presentes na linguagem tenham suas raízes na realidade cotidiana e que o conhecimento produzido por ela é socialmente disponível, Berger e Luckmann (2003) entendem que a linguagem pode abordar realidades externas àquelas experimentadas pelo indivíduo e que seu processo de construção requer uma ação social que perdure tempo suficiente para ser vivenciada e tipificada por um grupo social.

Foco de estudo da semiologia, segundo Bourdieu (2012), o processo de construção e atribuição de significado às coisas é possível por meio de uma ação social duradoura, condição necessária para as tipificações recíprocas de Berger e Luckmann (2003), ação esta em que os indivíduos envolvidos relacionam-se (graças à linguagem) e por meio da troca de produtos subjetivamente objetivados e incorporados na linguagem, propiciam a construção de significados por conta do aparecimento de situações novas e ainda não objetivamente definidas por um sistema semântico (BENVENISTE, 1989; BERGER; LUCKMANN, 2003; BOURDIEU, 2012).

O indivíduo ao deparar-se com novos conhecimentos pode adotar uma posição de aceitação àquilo que entende como socialmente aceito e coerente ou adotar uma posição que reflete sua escolha pela omissão ou pela ruptura com o que se tem como socialmente aceito. Ao

posicionar-se acerca de um assunto, o indivíduo participa ativamente no processo de legitimação daquilo que se põe em uma tentativa de ser aceito e interiorizado pelos indivíduos que o recebem por meio da linguagem. Observa-se então a linguagem como um meio para que o processo de legitimação possa se desenvolver (BERGER; LUCKMANN, 2003, BOURDIEU; PASSERON, 1992).

3 DISCURSO

Para Michel Pêcheux (1982), o discurso contido dentro de uma expressão linguística pode ser abordado por três caminhos: no primeiro caminho observa-se o acontecimento por trás do enunciado, no segundo percurso trabalha-se a expressão a partir de sua própria estrutura gramatical e no último caminho utiliza-se da tradição francesa da análise do discurso.

No primeiro tipo de abordagem deve-se tratar sobre o acontecimento ao qual o discurso se refere. Dado um acontecimento, os inúmeros enunciados que surgem a partir de um mesmo ocorrido podem implicar na construção de significados diferentes sobre um mesmo fato. Pode-se ter um enunciado que vise promover um determinado acontecimento ao mesmo tempo em que outro enunciado vise criticá-lo. A construção do significado de um discurso pode ser dada pela imersão de um enunciado em uma rede de associações implícitas (paráfrases, comentários, alusões) (PÊCHEUX, 1982).

Ao analisar a estrutura do enunciado em si, verifica-se que algumas construções gramaticais não permitem mais de um significado para determinado discurso. Ao produzir ou reproduzir um discurso logicamente estabilizado (discurso em que o raciocínio lógico é capaz de fornecer total entendimento sobre seu sentido) verifica-se que este discurso contém estruturas linguísticas que é conhecida e reconhecida pelos indivíduos. Essas estruturas são aquilo a que é chamado de real. Algo que não pode ser definido por ser ele a explicação de sua própria existência, o real não pode ser senão do jeito que é. Não é possível descrever o real, apenas o encontramos (PÊCHEUX, 1982).

Deve-se dizer que as duas correntes mais difundidas sobre o discurso seguem linhas de pensamento de certa forma antagônicas, a respeito de suas características ontológicas, a primeira corrente possui uma essência racionalista de Aristóteles. A segunda corrente possui características construtivistas da comunicação como Benveniste e seu livro “Problemas de Linguística Geral II” (BENVENISTE, 1989; BOURDIEU, 2012; ROWE; BROADIE, 2002).

A maneira pela qual se é transmitida uma mensagem por um discurso, além de veicular uma ideia, também mistifica esse discurso escondendo os interesses por trás da disseminação de tal mensagem (PÊCHEUX, 1982). Para Bourdieu e Passeron (1992) sua força depende mais de sua capacidade de mobilização de recursos do que de suas propriedades intrínsecas, desde que esteja coerente e alicerçado na realidade vivenciada pelo contexto em que tal discurso será disseminado. O discurso ainda, segundo a sociologia bourdieusiana, representa a ação performativa que limita e, por consequência, demarca as diferentes regiões do próprio campo que se discute determinado tema (JAN-CHIBA; TADEO; BORIM-DE-SOUZA, 2017). Nesse sentido, na próxima seção, foi discutido os diferentes discursos que regionalizam o campo da sustentabilidade.

4 SUSTENTABILIDADE

O capitalismo deu abertura para o desenvolvimento de organizações cujas atividades extrapolam os limites das nações nas quais estas organizações surgiram. A crescente demanda trazida pelo aumento da população mundial propiciou para as organizações a possibilidade de adotar novas estratégias para aumentar sua oferta de produtos e serviços e com isso o aumento da quantidade de insumos necessários se fez presente, trazendo consigo consequências (LOVINS; LOVINS; HAWKEN, 1999; O'CONNOR, 2000; SCHWEICKART, 2010).

Para o *mainstream* dos estudos que abordam o conceito de sustentabilidade, as questões voltadas para tal temática tendem a ignorar certos aspectos presentes nas fundações de cada sociedade em prol de uma ideia generalista que visa teorizar, de forma incompleta e paradoxal, o que é sustentabilidade e qual são as causas da insustentabilidade. Essas teorias abordam ainda a ideia de que os indivíduos carregam consigo a responsabilidade de mudar as próprias atitudes para tornar o sistema como um todo em um novo modelo social sustentável, ignorando assim deficiências sociais estruturais. (LOVINS; LOVINS; HAWKEN, 1999; O'CONNOR, 2000; SCHWEICKART, 2010).

O que fora anteriormente descrito como *mainstream* dos estudos que abordam o conceito de sustentabilidade se baseiam essencialmente em dois autores, descritos à seguir (LOVINS; LOVINS; HAWKEN, 1999; O'CONNOR, 2000; SCHWEICKART, 2010). Para Lélé (1991), a sustentabilidade é entendida a partir de três elementos: o literal, o social e a ecológica. A interpretação literal sugere a sustentabilidade como manutenção de algo. O

pensamento social traz o entendimento de manutenção dos agentes sociais, bem como a manutenção de suas instituições. A vertente ecológica a entende como a capacidade de sustentar condições ecológicas para a sobrevivência humana em um dado tempo. Em 1994, John Elkington cunhou o termo *Triple Bottom Line*. Este termo representa um tripé sobre o qual sustenta seu entendimento de que a sustentabilidade é o tripé: pessoas, planeta e lucro (*people, planet and profit*). Posteriormente, entendeu-se que cada elemento desse tripé corresponde a uma dimensão: pessoas (dimensão social), planeta (dimensão ambiental) e o lucro (dimensão econômica); a sustentabilidade se daria então pelo equilíbrio entre essas três dimensões.

O'Connor (2000) apresenta um rompimento com a definição dominante apresentada pelo *mainstream* como um conjunto de questões econômicas, sociais e ambientais, trazendo a sustentabilidade como uma questão política e ideológica que se faz evidente devido à dificuldade global em se definir o que é “desenvolvimento sustentável” ou “capitalismo sustentável” e como estes termos serão utilizados dentro dos discursos. A questão ideológica da sustentabilidade em O'Connor (2000) traz a capacidade de racionalmente organizar um conjunto de conhecimentos e argumentos de tal forma a garantir a legitimidade de um discurso construído para defender as práticas das organizações, bem como a divulgação de uma imagem entendida pela sociedade como íntegra. É, portanto, um discurso construído para guiar e, de certa forma, fidelizar simpatizantes para aquilo que o discurso defende como sustentabilidade (BORIM-DE-SOUZA et al., 2018; O'CONNOR, 2000). A questão política se dá por meio de ações governamentais e organizacionais que busquem fomentar e fundamentar novas práticas na sociedade com a argumentação de que apoiam e promovem a sustentabilidade, sem necessariamente fundamentarem o que de fato é sustentabilidade ou o que torna uma ação sustentável (BORIM-DE-SOUZA et al., 2018; O'CONNOR, 2000).

As organizações cujo capital as configuram como sendo organizações de grande porte e em alguns casos, transnacionais ou multinacionais, utilizam-se desse jogo de poder para tentar subverter o entendimento que se tem acerca do que é sustentabilidade para facilitar sua atuação no contexto em que visam atuar. Para tal utilizam-se de políticas e práticas, como por exemplo aumento da eficiência para minimizar o gasto de energia e matéria-prima, mas suas motivações são majoritariamente econômicas (O'CONNOR, 2000). Para o atual sistema capitalista a verdadeira sustentabilidade é a capacidade de manter o crescimento econômico (LOVINS; LOVINS; HAWKEN, 1999; O'CONNOR, 2000; SCHWEICKART, 2010).

Para esta pesquisa, entende-se que a sustentabilidade seja o argumento central presente nos discursos construídos pelas organizações que apresentam caráter reducionista e simplista em suas tentativas de responsabilizar as ações individuais como causa e como solução para o atual sistema insustentável. Em outras palavras, a sustentabilidade é utilizada em uma nova estratégia organizacional, disseminada por meio de uma linguagem intencionalmente utilizada para estruturar o discurso “verde”, numa relação dialética com a sociedade e suas novas demandas (DALY, 2005; FRIEDEN, 2006; FUCHS, 2017; LOVINS; LOVINS; HAWKEN, 1999; MEADOWS; RANDERS; MEADOWS, 2004; O’CONNOR, 2000; SCHWEICKART, 2010).

Discutidos os conceitos de linguagem, discurso e sustentabilidade, segue-se agora para os procedimentos metodológicos

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa foi classificada como qualitativa, de natureza exploratória, o qual utilizou-se do estudo de caso como estratégia de pesquisa. Resumidamente, o percurso metodológico se apropriou de duas fontes de dados: por documentos e entrevistas presenciais semi-estruturadas, e os dados foram analisados por meio da análise crítica do discurso. Cada passo desta pesquisa foi explicado neste tópico.

A pesquisa documental realizada pela presente pesquisa se deu no mais recente relatório de sustentabilidade apresentado pela empresa analisada. O relatório de sustentabilidade da presente empresa foi construído sob as diretrizes da GRI (Global Reporting Initiative), que é uma organização internacional de apoio a organizações que buscam relacionar suas atividades com as questões voltadas à sustentabilidade.

Segundo o próprio documento que rege os princípios de publicação atualizado em 2015, que se encontra disponível no site da GRI, elaborar o relatório de sustentabilidade é:

[...] a prática de medir, divulgar e prestar contas para *stakeholders* internos e externos do desempenho organizacional visando ao desenvolvimento sustentável. [...]. Esse tipo de documento deve oferecer uma descrição equilibrada e sensata do desempenho de sustentabilidade da organização relatora, incluindo informações tanto positivas como negativas. (GLOBAL REPORTING INITIATIVE, 2015).

A GRI possui uma complexa lista de diretrizes para a construção e demonstração dos resultados no relatório de sustentabilidade. Seu objetivo, segundo a própria GRI é buscar pela clareza e transparência organizacional quanto às questões que se relacionem a sustentabilidade.

Foram realizadas dez entrevistas entre funcionários de uma organização que atua no ramo de operação de plano de saúde em todo o Brasil. As entrevistas ocorreram em uma das filiais da organização, na cidade de Londrina-PR. As entrevistas foram todas realizadas no mesmo dia, sendo cinco no período matutino e as restantes no período vespertino. Todos os entrevistados foram previamente introduzidos ao objetivo da pesquisa e ao tema que seria abordado, foram avisados sobre a garantia do anonimato em relação às entrevistas e sua apresentação no presente trabalho em ordem aleatória, para maior segurança do entrevistado. Foram alertados também que as entrevistas seriam gravadas, sobre a data e a hora de cada entrevista, sobre o roteiro de entrevista e sobre o tipo de projeto em questão.

Em busca da sustentabilidade presente no discurso de uma organização na cidade de Londrina-PR, realizou-se também uma análise documental a qual, por meio da análise crítica do discurso, analisou-se o mais recente relatório de sustentabilidade da empresa escolhida para buscar o entendimento formal sobre sustentabilidade que posiciona tal empresa perante ao mercado em que atua e também à sociedade.

A organização analisada é uma operadora de plano de saúde que atua em mais de 70% do território nacional, segundo seu próprio relatório de sustentabilidade apresentado em 2016 (sendo este o mais recente disponível). Entre suas várias unidades presentes em todas as regiões do país, a pesquisa foi feita com sua unidade na cidade de Londrina, na região norte do Paraná.

A escolha desta organização se justifica pela mesma apresentar características como: atuar em grande parte do território nacional, apresentar programas ligados a sustentabilidade, possuir um departamento de sustentabilidade, disponibilizar relatórios de sustentabilidade e ser uma organização de grande porte.

Buscou-se então pela relação entre o conceito de sustentabilidade presente no relatório de sustentabilidade e aquele presente no discurso dos entrevistados. No Quadro 1 foram apresentadas as características dos discursos sobre o conceito de sustentabilidade, cujo objetivo almeja a facilitar a visualização da base teórica que fundamentou a análise.

QUADRO 1 – CARACTERÍSTICAS DISCURSIVAS SOBRE A SUSTENTABILIDADE

SUSTENTABILIDADE	AFIRMATIVA		Afirmam o conceito sustentabilidade como a base para a sobrevivência dos seres humanos a partir de uma sociedade que consegue adaptar os âmbitos (social, ambiental, econômica). Sugerem ações de descarte adequado de resíduos, uso eficiente de recursos e preocupação com o impacto das atividades pessoais e organizacionais na sociedade, de tal modo que os problemas ambientais causados pela produção capitalista podem ser vistos como oportunidades de especialização (ELKINGTON, 1994; FUCHS, 2017; MOL, 1997).	Seguem o <i>mainstream</i> dos estudos sobre sustentabilidade.
	QUESTIONADOR		Buscam questionar o real significado da sustentabilidade no contexto organizacional, por meio de um pensamento reflexivo (SCHWEICKART, 2010). Investigam: se: o que ou quem sustentar? Para quem? Por quanto tempo? As respostas que vierem para os questionamentos são de importância para o direcionamento dos interesses sobre o conceito sustentabilidade (LÉLÉ, 1991).	Não seguem o <i>mainstream</i> dos estudos sobre sustentabilidade, mas não realizam proposições, apenas refletem sobre o que de fato é sustentabilidade.
	CRÍTICA		Entendem o conceito sustentabilidade como uma ferramenta de dominação, possível de tornar regra ou discurso sobre o comportamento social. Nesse sentido, torna-se uma questão também política e ideológica que aborda de forma crítica as proposições que tratam sustentabilidade como um equilíbrio entre várias dimensões ou exige ações “sustentáveis” (O’CONNOR, 2000). Compreendem também que a sustentabilidade, em alguns casos, implica na necessidade de uma reorganização radical da estrutura social, que torna capaz de adaptá-la aos princípios ecológicos (MILNE; KEARINS; WALTON, 2006).	Possuem caráter crítico e não seguem o <i>mainstream</i> dos estudos sobre sustentabilidade.

Fonte: Elaborado pelos autores com as contribuições de Elkington (1994), Fuchs (2017), Lélé (1991), Milne, Kearins e Walton (2006), Mol (1997), O’Connor (2000) e Schweickart (2010).

Os dados obtidos pelas dez entrevistas semi-estruturadas e pelo relatório de sustentabilidade foram analisados por meio da análise crítica do discurso. A análise crítica do discurso dedica-se a mostrar como práticas linguístico-discursivas estão imbricadas com as estruturas sociopolíticas de poder e de dominação, bem como a aumentar a consciência de como

a linguagem contribui para a dominação de pessoas por outras pessoas, uma vez que essa consciência é um dos primeiros passos para a emancipação das estruturas de dominação (FAIRCLOUGH, 2003).

A análise crítica do discurso propõe-se, segundo Fairclough (2003), a analisar o discurso à partir da visão de que a semiose¹ é parte irredutível dos processos sociais materiais. O discurso presente na fala dos entrevistados e na estrutura formal do relatório de sustentabilidade foram analisados criticamente, buscando revelar instrumentos de dominação que visem a reprodução estrutural dominante (BOURDIEU; PASSERON, 1992).

Sendo assim, só foi possível entender o discurso a partir de uma análise completa que aborde as estruturas formais presentes no discurso (gramática e linguagem) em conjunto com as estruturas simbólicas por trás da construção desse discurso (interesses, intenção, sentidos) (BOURDIEU; PASSERON, 1992; FAIRCLOUGH, 2003). A seguir, inicia-se o processo de descrição da análise dos dados coletados.

6 ANÁLISE DO RELATÓRIO DE SUSTENTABILIDADE

O relatório de sustentabilidade da organização analisada é do ano de 2016, onde a origem da empresa, sua história, o tipo de sistema organizacional adotado, missão, visão e valores, o alcance da área de atuação dentro do território nacional, recursos e serviços disponibilizados pela organização, abordam sobre a governança e os membros executivos, abordam sobre ética e integridade, demonstram as certificações obtidas, apresentam então a sustentabilidade como um equilíbrio entre as dimensões sociais, ambientais e econômicas, finalizando com informações sobre a atuação prática da empresa em cada uma dessas dimensões que foram expostas em três tópicos denominados de saúde social, saúde econômica e saúde ambiental. Dentro de cada um destes tópicos, são apresentados os programas desenvolvidos pela empresa, mas não aborda-se sobre a sustentabilidade como o tema central.

No relatório é dito que para a empresa a sustentabilidade é equilíbrio entre as áreas econômica, social e ambiental. Porém, em nenhum momento existe um tópico ou mesmo um debate direcionado ao entendimento sobre o que é sustentabilidade ou porque a empresa entende a sustentabilidade como um equilíbrio entre tais pilares. A ausência de uma definição

¹ Semiose é entendida como o processo de construção de sentidos (imagens, linguagem corporal, o próprio idioma), entendimento este apresentado por Fairclough (2003).

pautada em fontes ou quaisquer informações leva a questionamentos: como a empresa entende que tal equilíbrio pode se dar? Por que utiliza-se de tal conceito de sustentabilidade, sem apresentação de nenhuma fonte?

Tais questionamentos não podem ser respondidos com base no conteúdo do relatório, por conta da ausência de uma explicação, mesma que mínima, do que a organização entende por sustentabilidade ou como se baseou para adotar tal posicionamento. O relatório de sustentabilidade é dividido em: introdução e outras 4 seções subsequentes que apresentam resultados quantitativos para as três áreas mencionadas como componentes da sustentabilidade (área econômica, social e ambiental). Apresenta uma seção que aborda sobre a inclusão da sustentabilidade nas diretrizes e ações da empresa, sem mencionar como isso é realizado, apenas citando que tais diretrizes e ações foram acompanhadas por um setor específico da cúpula nacional. Percebe-se que não há clareza quanto ao que de fato é sustentabilidade e como ela se faz existir por meio do equilíbrio das áreas econômica, social e ambiental. Não há fontes expostas de quaisquer autores ou órgãos nacionais ou internacionais que possam corroborar com tal entendimento.

7 APRESENTAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Destaca-se que três das dez entrevistas foram desconsideradas devido à recusa dos participantes em responderem perguntas relacionadas a sustentabilidade, ao alegarem não saberem sobre o tema e que preferiam não falar sobre. Não foi possível identificar o porquê de tal posicionamento por parte de tais entrevistados. Destaca-se também, que a ordem das entrevistas aqui está diferente da ordem na qual as entrevistas foram realizadas. Tal cuidado se deu pela responsabilidade assumida pelos autores desta pesquisa em resguardar o anonimato e a segurança dos entrevistados. O **Quadro 2** expõe alguns detalhes sobre os entrevistados.

QUADRO 2 – DADOS SOBRE OS ENTREVISTADOS

Código	Idade (anos)	Tempo de trabalho	Cargo
E1	35	21 anos	Gerente de contras médicas
E2	40	16 anos	Gerente de sustentabilidade
E3	28	1 ano e 8 meses	Psicólogo
E4	37	13 anos	Gerente de controladoria
E5	35	7 anos	Analista de Marketing
E6	39	12 anos	Analista de sustentabilidade
E7	31	7 anos	Analista sênior de desenvolvimento humano

Fonte: Elaborado pelos autores.

O entrevistado E1 tem formação em tecnologia da informação e especialização em gestão de pessoas (não revelou mais detalhes). O entrevistado E2 tem formação em serviço social, MBA em serviço social, especialização em políticas sociais, MBA em gestão empresarial e MBA em liderança e gestão de pessoas. O entrevistado E3 possui graduação em Psicologia, especialização em psicologia clínica e está cursando especialização em desenvolvimento humano. O entrevistado E4 possui formação em matemática, tem especialização em gestão de empresas e em gestão de pessoas e liderança. Tem ainda uma outra especialização em estatística, que foi sua primeira pós-graduação realizada. O entrevistado E5 tem formação em comunicação social e atualmente cursa MBA pela FGV na mesma área. O entrevistado E6 tem formação em administração, especialização em gestão ambiental e outra especialização em economia de meio ambiente. E por último, o entrevistado E7 tem graduação em administração, uma pós-graduação lato sensu na área de liderança e em educação corporativa.

Quanto ao conceito de sustentabilidade nas entrevistas, todos os sete entrevistados baseiam-se no entendimento apresentado pelo *mainstream* dos estudos sobre sustentabilidade. Estes compreendem a sustentabilidade como um conceito que atua em uma ou mais dimensões: econômica, social e/ou ambiental. Todos os entrevistados concordam com o significado de sustentabilidade que a empresa dissemina.

Nenhum dos entrevistados apresentou um caráter questionador ou crítico quanto ao conceito de sustentabilidade da organização. Os entendimentos demonstrados pela fala dos entrevistados condizem com o conceito apresentado pela empresa em seu relatório de sustentabilidade. O mesmo acontece com os exemplos de ações dados pelos entrevistados, ações estas que estão presentes no relatório de sustentabilidade publicado pela organização.

No que tange ao discurso sobre o conceito de sustentabilidade presente na fala dos entrevistados, todos os discursos encontram-se na categoria de uma Sustentabilidade Afirmativa. Isso é justificado pela apresentação constante da sustentabilidade como atuante em uma ou mais dimensões do *Triple Bottom Line* apresentadas por Elkington (1994) (social, ambiental, econômica) ou ainda trouxeram exemplos de ações “sustentáveis” como descarte consciente de resíduos, uso eficiente de recursos e preocupação com o impacto das atividades pessoais e organizacionais sobre a sociedade. Nenhum dos entrevistados citou qualquer tipo de questionamento ou reflexões sobre o conceito de sustentabilidade tanto para a sociedade como a organização.

Se para Bourdieu e Passeron (1992), o agente tem para si a capacidade de reprodução estrutural ou de inovação e criação individual, no estudo em questão verifica-se que a organização domina e impõe seu entendimento sobre o que é sustentabilidade para aqueles que estão sob sua influência. A relação é entendida como uma relação de dominação por meio de instrumentos simbólicos, como campanhas de conscientização, divulgação interna e externa do que é sustentabilidade para a empresa, criação de uma cultura interna na empresa que vise constranger aqueles que não buscarem seguir o padrão “sustentável” que a empresa impõe (BOURDIEU; PASSERON, 1992, BOURDIEU, 2012).

Essa dominação fica mais evidente no que foi respondido pelo E2, quando perguntando sobre as fontes que se utilizou para conhecer sobre a sustentabilidade, onde foi dito:

[...] A direção Nacional da empresa dá um direcionamento de forma geral. Aí tem as federações que são as filiais nos estados e que cada uma delas compõem uma esfera singular. Cada singular ela é diferente, ela tem sua própria gestão e o seu próprio direcionamento e tudo mais. Então a cúpula nacional começou a fomentar, então para ter esse direcionamento, a gente pode adaptar para nossa realidade.

Há um direcionamento estrutural estabelecido pela cúpula nacional da empresa e que deve ser seguido pelas esferas e indivíduos hierarquicamente abaixo. O meio pelo qual os entrevistados entendem a sustentabilidade é restrito, todos os sete entrevistados responderam que a fonte primária de informações acerca da sustentabilidade é dada pela própria empresa por meio do departamento de sustentabilidade e responsabilidade social.

Os meios pelos quais a empresa se utiliza para reproduzir o direcionamento que deseja foram citados na fala de E5, quando perguntando se ele percebia a sustentabilidade presente nas interações sociais dentro do contexto organizacional, que respondeu:

Ah tem, a gente tem uma intranet né, que fomenta todos esses avisos, todas as ações que, ela reforça todas essas ações, é, é uma internet bem, em que toda a empresa é assídua assim de postagem, de acompanhar e de se atualizar por ali. Temos também alguns murais que são utilizados quando tem campanhas específicas, é, temos também algumas caixas são deixados quando está nos pontos de área comum quando está arrecadando alguma coisa com avisos, é, as meninas da área de sustentabilidade também tem uma, um hot site onde elas postam também campanhas e sobre as campanhas que estão acontecendo, geralmente quando tem doação de sangue geralmente é feito parcerias com a UEL, aí o ônibus da UEL vem aqui pega os colaboradores e leva até o Hemocentro para poder fazer a doação, então sempre está sendo comunicado isso, sempre está sendo ativado, fomentando assim a participação de todos. Não sei se é assim que fala.

Bourdieu (2012), Fairclough (2003) e Pêcheux (1982) apresentam o argumento de que o discurso é criado e configurado de acordo com o local de fala do indivíduo que a concebeu.

O processo de inovação, para Bourdieu e Passeron (1992), enuncia quando um novo elemento linguístico ou semiótico é encontrado no discurso do indivíduo e que quanto melhor for sua posição de poder no campo, mais complexo e intelectualizado tende a ser seu discurso. Isso não necessariamente acarreta em configurar um discurso como sendo de difícil entendimento, isso implica que por trás daquilo que é dito e disseminado há uma articulação maior e mais bem estruturada de conhecimentos empregados pelo indivíduo para atingir seus interesses. Nas falas dos entrevistados com cargos hierarquicamente distintos esperou-se uma diferenciação nos argumentos e exemplos apresentados quando submetidos às perguntas sobre sustentabilidade, o que não aconteceu.

Há evidência de que há uma dominação estrutural e de que os indivíduos estão dominados como meros reprodutores da estrutura. Isso se deve ao fato de que mesmo com formações e experiências *a priori* diferentes, os indivíduos reproduzem aquilo que consta no relatório de sustentabilidade da empresa, sem nenhum novo exemplo ou argumento. Segue-se um protocolo organizado pela direção nacional da empresa sobre a imagem que precisam passar, sobre os valores que devem adotar e sobre a responsabilidade em atuar na sociedade, buscando assim um equilíbrio entre as saúdes econômica, social e ambiental.

Na fala de E2, quando perguntado sobre as fontes das quais se utiliza para conhecer sobre sustentabilidade, foi mencionado sobre um selo interno que as filiais respondem anualmente. Foi dito por E2 que:

A gente tem o selo de governança e sustentabilidade, onde a gente responde esse selo normalmente e então a gente vai inclinando cada vez mais as práticas de sustentabilidade, a gente tem um fórum no sistema interno sobre isso. Então é isso, é buscando mesmo e na prática assim, porque a gente vai fazendo na prática e responde o selo anualmente, isso dá um direcionamento, ó tá indo, tá caminhando, qual seria o próximo estágio, é por aí que a gente busca. [...]

Verifica-se que a direção nacional consegue, por meio de programas de gestão como este que foi citado (selo de governança e sustentabilidade), direcionar os caminhos a serem seguidos pela matriz.

A reprodução de conhecimentos, discursos e valores da matriz é inculcada nos indivíduos por meio dos seguintes canais: intranets que disseminam as diretrizes filosóficas da cúpula nacional a serem seguidas pelas federações, a revista interna para os funcionários como meio de informar sobre o que é sustentabilidade para a empresa e quais práticas são consideradas sustentabilidade para a mesma, bem como indicar ainda as práticas desenvolvidas pela empresa.

Todos os discursos foram categorizados como discursos afirmativos sobre sustentabilidade (apresentado anteriormente no Quadro 1) cujos conceitos e apresentados seguem o *mainstream* dos estudos sobre sustentabilidade. Reforçando-se assim o argumento de que há uma forte dominação estrutural sobre os indivíduos em que nela se encontram e atuam.

Se até aqui foi apresentado vias formais de dominação estrutural acerca de como é abordado o conceito de sustentabilidade pelos indivíduos, será exposto à seguir como essa dominação também se apresenta por meios simbólicos.

Para Bourdieu (2012) o simbólico se faz presente de tal maneira que pode ser confundido com qualquer outra coisa que não seja ele mesmo. Tem o poder de fazer ver e se fazer crer de uma forma, que aquilo que está oculto não seja conhecido ou questionado. Tem o poder de se movimentar e direcionar indivíduos e estruturas de tal forma que alienam estes da realidade, fazem-nos pensar que estão agindo em prol de interesses particulares, quando na verdade estão a reproduzir aquilo a que o simbólico se remete (BOURDIEU, 2012; BOURDIEU, PASSERON, 1992).

Na fala de E3, percebe-se que até mesmo as atividades dos indivíduos são influenciadas pela empresa, até mesmo em seu momento fora do horário do expediente. Quando perguntado sobre a presença da sustentabilidade nas ações das pessoas, dentro do cotidiano da empresa, E3 respondeu:

Nós temos uma grande luta, eu acho que quando a gente olha, é (respira por um instante), para os comportamentos das pessoas e que a gente tenta ensinar, eu acho que, (pensa por alguns segundos) são várias coisas, a gente tem colaboradores que, é, fazem plantio de árvores e distribuem né, sem estar dentro da empresa então tipo num momento livre mesmo. É uma maneira de se praticar a sustentabilidade, conscientizar para que isso venha acontecer, aqui a gente tem vários casos que acontecem como a separação dos resíduos também né que mostram, que são visíveis assim alguns focos.

E6 cita um código de conduta dentro da empresa, quando fora perguntado também sobre a presença da sustentabilidade nas ações das pessoas, dentro do cotidiano da empresa.

Sempre quando em atividades quando, de transparência, de ética, nós temos um código de conduta então sempre tem a, a, quando tem alguma atividade tem um olhar se tem um evento da cooperativa como que isso pode agregar para a sociedade, então, acontece no cotidiano aparecer ações de meio ambiente, sociais e econômica assim. Aparece não, no nosso também na, quando é feito um planejamento estratégico aparece também lá como, é, tratar todas as ações com sustentabilidade. Muitas vezes os colaboradores que estão lá mais na ponta não entenderam muito lá essa parte, entendem isso como uma moda mas aos pouquinhos a gente vai incluindo isso.

A resposta de E3 foi a seguinte:

É... [falando pausadamente e pensando]. Sempre quando, em atividades quando de transparência, de ética, nós temos um código de conduta então sempre tem a, a, quando tem alguma atividade tem um olhar se tem um evento da cooperativa como que isso pode agregar para a sociedade, então, acontece no cotidiano aparecer ações de meio ambiente, sociais e econômica assim.

Há um código sobre como os indivíduos dentro da empresa devem agir frente a questões pertinentes. Há uma preocupação com a postura dos indivíduos para que estes reproduzam os valores estruturais da empresa.

E2 traz contribuições sobre ações e práticas que considera sustentável. Quando perguntado sobre a presença da sustentabilidade no convívio social dentro da empresa, foi respondido:

Vou dar um exemplo, vou dar mais até. Vamos lá eu acredito que sim. Por exemplo, nós tivemos uma ação aqui para a questão ambiental que foi feita a retirada dos copos plásticos. Tem locais que ainda tem os copos como por exemplo na recepção para os visitantes poder tomar água ou tomar um café, porém dentro da empresa para os funcionários não tem, o que têm em cada andar é uma copa onde tem copos duráveis e cada colaborador tem a sua caneca. Então aí, o que é bem legal aqui dentro da empresa, quando tem uma festinha de aniversário ou coisa assim, as pessoas trazem um bolinho ou alguma coisa ali e ultimamente, o qual que é o recado: traga sua caneca [risos]. Então assim, é uma ação social, e assim traz a sua caneca que a gente não vai ter copo aqui. A questão do voluntariado também é uma das coisas que integram bastante também a nossa área de sustentabilidade então, eu percebo assim que eles têm muita vontade, tem crescido muito isso da participação, e dentro do horário de trabalho também que a gente tem ações que estão aqui dentro, mas fora do horário também, semana passada a gente teve um um profissional que no dia do aniversário tinha folga e a palestra caiu no dia do aniversário e ele veio, ele entende assim que, é muito legal, e eles começam a colocar assim que é um ganho que eles têm. Aqui nós temos no sistema de compensação de horas e alguns funcionários só podem participar das atividades à noite, aí um colaborador também fica depois do horário e ministra essa palestra, um tema no caso para esses colaboradores. Então eu vejo que tanto dentro quanto fora eles tem sim essas coisas no convívio social.

A cultura interna da empresa é reforçada por essas pequenas ações inculcadas por meio do departamento de sustentabilidade da empresa. Foram citadas ações como a retirada de copos plásticos para os indivíduos que atuam dentro da empresa, fomento de ações de voluntariado dentro e fora do expediente, sistema de compensação de horas.

Ao inculcar a importância de participar e apoiar tais ações, estigmatiza-se automaticamente os indivíduos que optam por não reproduzir tais ações. Ao categorizar internamente aqueles que aderem às diretrizes da empresa e aqueles que não aderem, surge um pressão estrutural e simbólica onde cria-se uma necessidade no indivíduo de posicionar-se: à favor da região dominante, contra a região dominante ou omissa em relação ao debate sobre tal dominação (BOURDIEU, 2012).

Para o indivíduo que pretende se manter na empresa, opta-se por seguir o que a cúpula

nacional diz ser o “correto”. Internamente, a dominação simbólica é reforçada por meio de relações de poder nas quais as pessoas que estão com melhor alinhamento intelectual e prático com a organização detêm um maior capital nas disputas internas (BOURDIEU, 2012).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na fala dos entrevistados, percebe-se que todos trazem o entendimento de que a sustentabilidade é o equilíbrio entre as áreas: econômica, ambiental e social. Entendimento este apresentado no relatório de sustentabilidade da empresa bem como as ações que foram citadas como exemplos de ações sustentáveis, que também estão presentes no relatório.

As entrevistas trouxeram contribuições no que tange ao meio pelo qual os funcionários são informados e direcionados pela organização a como pensarem a sustentabilidade. Existe um código de conduta e uma diretriz disseminada pela cúpula nacional por meio das intranets, ações de promoção do pensamento sustentável realizadas pelo departamento de sustentabilidade, selos de governança e sustentabilidade que devem ser periodicamente respondidos.

Existem meios de controle e promoção da filosofia construída pela cúpula nacional dentro da organização, que inculcam nos indivíduos aquilo que é decidido pela direção nacional, e no caso da sustentabilidade aqui pesquisado, tal filosofia não possui uma argumentação ou uma construção sólida, com fontes fidedignas.

Quando analisamos o entendimento sobre o que é sustentabilidade presente na fala dos entrevistados com o que é exposto pelos documentos, percebe-se que há uma reprodução dos valores e conhecimentos inscritos nas estruturas realizado por meio da divulgação da filosofia da direção nacional da organização nas intranets, nos códigos de conduta e nos selos de governança e sustentabilidade.

Esta reprodução é uma violência simbólica exercida pela organização por meio do controle estabelecido através de metas presentes nas diretrizes estabelecidas tanto nos códigos de conduta e quanto nas respostas esperadas que são periodicamente dadas pelas unidades regionais aos selos de governança e sustentabilidade.

Verifica-se então que a sustentabilidade é tratada e disseminada pela empresa, tanto em sua gestão quanto em suas ações para a comunidade, mas os meios de comunicação internos

apenas reproduzem aquilo que é decidido pela direção nacional. Não há um departamento que busque pesquisar ou construir conhecimento sobre o que é sustentabilidade, o departamento de sustentabilidade apenas trabalha com aquilo que lhes é repassado pela direção executiva nacional.

REFERÊNCIAS

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento, trad. Floriano Fernandes. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral II**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

BORIM-DE-SOUZA, R. et al. Internationalisation and sustainability as a field: a contingent view of comparative management via Bourdieusian sociology. **International Journal of Comparative Management**, [S. l.], v.1, n.1, 2018, p. 26–44.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

_____; PASSERON, J. C. **A reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

DALY, H. E. Economics in a full world. **Scientific American**, [S. l.], v. 293, n. 3, p. 100-107, 2005.

ELKINGTON, J. Towards the sustainable corporation: Win-win-win business strategies for sustainable development. **California management review**, Berkeley, v. 36, n. 2, p. 90-100, 1994.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse**: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003.

FRIEDEN, J. A. **Global capitalism**: its fall and rise in the twentieth century. New York: WW Norton, 2006.

FUCHS, C. Critical social theory and sustainable development: the role of class, capitalism and domination in a dialectical analysis of un/sustainability. **Sustainable Development**, Chichester, v. 25, n. 5, p. 443-458, 2017.

GLOBAL REPORTING INITIATIVE. **Princípios para relato e conteúdos padrão.** 2015. Disponível em: <<https://www.globalreporting.org/Pages/resource-library.aspx?resSearchMode=resSearchModeText&resSearchText=G4&resCatText=Reporting+Framework&resLangText=Brazilian+Portuguese>>. Acesso em: 02 jun. 2018.

HUSTED, B. W. Culture and ecology: a cross-national study of the determinants of environmental sustainability. **Management International Review**, Hudson, NY, v. 45, n. 3, p. 349-371, 2005.

JAN-CHIBA, J. H. F.; TADEO, L. L.; BORIM-DE-SOUZA, R. A criatividade como um *habitus* regionalizado no campo artístico bourdieusiano. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 53, n. 3, p. 478-488, set./dez. 2017.

LÉLÉ, S. M. Sustainable development: a critical review. **World development**, Oxford, v. 19, n. 6, p. 607-621, 1991.

LOVINS, A. B.; LOVINS, L. H.; HAWKEN, P. A road map for natural capitalism. **Harvard Business Review**, [S. l.], p. 145-158, May/June 1999.

MEADOWS, D.; RANDERS, J.; MEADOWS, D. **Limits to growth: the 30-year update.** White River Junction: Chelsea Green Publishing Company, 2004.

MILNE, M. J.; KEARINS, K.; WALTON, S. Creating adventures in wonderland: the journey metaphor and environmental sustainability. **Organization**, London, v. 13, n. 6, p. 801-839, 2006.

MOL, A. P. J. Ecological modernization: industrial transformations and environmental reform. In: REDCLIFT, M.; Woodgate, G. (Eds.). **The International Handbook of Environmental Sociology.** London: Edward Elgar, 1997. p. 138-149

O'CONNOR, J. ¿Es posible el capitalismo sostenible? **Papeles de población**, v. 6, n. 24, p. 9-35, abr./jun. 2000.

PÊCHEUX, M. **Language, semantics and ideology.** London: The Macmillan Press, 1982.

ROWE, C. J.; BROADIE, S. (Ed.). **Nicomachean ethics.** Oxford University Press, USA,

2002.

SCHWEICKART, D. Is sustainable capitalism possible? **Procedia-Social and Behavioral Sciences**, [S. l.], v. 2, n. 5, p. 6739-6752, 2010.

VACHON, S. International operations and sustainable development: should national culture matter? **Sustainable Development**, Chichester, v. 18, n. 6, p. 350-361, Nov./Dec. 2010.